



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

**Cinemateca Júnior**

Palácio Foz – Praça dos Restauradores

## WHERE THE WILD THINGS ARE / 2012

*O Sítio das Coisas Selvagens*

*Um filme de: Spike Jonze*

**Realização:** Spike Jonze / **Argumento:** Spike Jonze, Dave Eggers, Maurice Sendak, com base no livro ilustrado com o mesmo título de Maurice Sendak (1963) / **Direção de fotografia:** Lance Acord / **Direção de Arte:** Lucinda Thomson, Jeffrey Thorp / **Banda sonora original:** Carter Burwell, Karen O. / **Montagem:** James Haygood, Eric Zumbunnen / **Intérpretes:** Max Records (Max), Pepita Emmerichs (Claire), Catherine Keener (Mãe), Lauren Ambrose, Chris Cooper, Paul Dano, James Gandolfini, Catherine O'Hara, Forest Whitaker (vozes das Coisas Selvagens“)

**Produção:** John B. Carls, Gary Goetzman, Tom Hanks, Vincent Landay, Maurice Sendak / **Cópia:** 35 mm, cor, versão original legendada em português / **Duração:** 101 minutos. / **Estreia Mundial:** Estados Unidos, 13 de outubro de 2009 / **Estreia em Portugal:** 7 de janeiro de 2010



“O Sítio das Coisas Selvagens” começou por ser um pequeno livro infantil, com um curto texto e muitas e detalhadas ilustrações, que ocupam a maior parte do espaço das páginas. Escrito e desenhado por Maurice Sendak, foi editado em 1963 e desde aí maravilhou muitas crianças. Uma delas foi Spike Jonze, o realizador deste filme, que foi amigo do autor do livro e durante anos matutou em como transformá-lo num filme. Como transformar este pequeno poema ilustrado

numa história com ação e diálogos com a duração de uma longa-metragem? Como transformar em “imagem real” no ecrã as Coisas Selvagens com aparência de enormes animais fantásticos ou monstros que Maurice Sendak tão detalhadamente desenhou?

Jonze sabia que, ao inventar as Coisa Selvagens, o autor do livro se tinha inspirado em memórias dos seus encontros de infância com adultos da sua família que o tinham assustado ou de alguma forma perturbado e que, portanto, o livro podia ser interpretado como uma história sobre as emoções das crianças. “Perguntava frequentemente a mim próprio:” Quem são as Coisas Selvagens?” – explicou ele numa entrevista feita quando o filme estreou. “Finalmente, dei-me conta de que as Coisas Selvagens poderiam ser emoções selvagens. E, para mim, quando criança, emoções selvagens eram realmente assustadoras – as minhas próprias emoções selvagens, as emoções das pessoas ao meu redor. Só porque és uma criança não significa que os teus sentimentos não sejam tão complexos e profundos quanto os de um adulto (...) – de amor, esperança, decepção, medo e ansiedade. Não os compreendes e eles são intensos e incontroláveis.”

Para as Coisas Selvagens serem mais intensas e incontroláveis, optou por fazer um filme de imagem real, em vez de animação, e usar verdadeiros “bonecos/fatos” gigantes, movimentadas por atores com dotes atléticos no interior, em vez de recorrer às imagens geradas por computador. Apenas as expressões faciais foram criadas no fim por computador, porque incluir nos “fatos” gigantes todos os mecanismos necessários para movimentar as faces das criaturas os tornava demasiado pesados e difíceis de mover!

"Eu sempre quis fazer o filme com atores reais", disse Jonze. "Queria construir as Coisas Selvagens e filmá-las de verdade. Queria que Max pudesse tocá-las, apoiar-se nelas, empurrá-las, abraçá-las. Queria que elas estivessem lá para que pudéssemos sentir a sua respiração, o seu tamanho e o seu peso. Achei que seria mais emocionante e divertido. Não só divertido, mas também mais perigoso, mais visceral e mais imediato."

Alguns adultos receram que o filme fosse demasiado assustador ou triste para crianças. Jonze, obviamente, discorda. "Tentámos fazer um filme que representasse como às vezes se sente uma criança de nove anos" (a idade de Max na história). "Pensámos em como é a vida nessa idade. Há diversão, há segurança, há amor, e também há momentos de solidão e saudade." E raiva, podemos acrescentar.

NOTA: Existe uma edição portuguesa recente do livro, com o título “Onde Vivem os Monstros” (editora Kalandraka, 2024).

Mª Jesus Lopes